

2.2 - SITUAÇÃO DOS QUADROS FLORESTAIS

2.2.1- INTRODUÇÃO

A Floresta, encarada no âmbito do conceito de "uso-múltiplo", como uma componente indispensável em todo e qualquer plano de ordenamento dum território, e não como uma mera forma residual de utilização de solo, não "acontece sósinha". Nela têm de facto que intervir permanentemente todo um conjunto de quadros curricularmente preparados para o efeito, quadros estes que têm, do ponto de vista laboral, como denominador comum, os serviços estatais como seus empregadores quase exclusivos.

É evidente que este princípio introdutório, tão obviamente elementar, correria o risco de ser tomado como desnecessário, senão mesmo ridículo, se a realidade dos factos não demonstrasse cabalmente parecer haver quem o ignore ou, pelo menos, o não tome com a seriedade que lhe é exigida.

E senão, vejamos (dados alinhados em quadros em anexo, e relativos a Maio de 1983):

2.2.2- ENGENHEIROS SILVICULTORES

Com efeito, nos termos do anterior, além do reduzido número de Eng. Silv. que exercem a sua actividade nas indústrias transformadoras relacionadas com o sub-sector florestal, verifica-se que a imensa maioria dos técnicos se encontra ao serviço dos organismos oficiais, sendo a sua distribuição a seguinte (Quadro 1):

D.G.F - 108 (93 da ex-D.G.O.G.F e 15 da ex-D.G.F.F)
 I.P.F - 10
 I.N.I.A - 44
 Total - 162

Se atentarmos a que estes valores se tratam de totais nacionais e que a estes organismos compete:

- gestão directa de 11% da floresta portuguesa
- apoio à restante área florestal, nomeadamente no que se refere à sua protecção, conservação e melhoria de gestão
- fomento de novas áreas florestais (no curto prazo visa-se ampliar em 5% a área actual)
- intervenção activa nas actividades que se desenvolvem a montante e a jusante da floresta
- experimentação e investigação florestal

realça-se a necessidade de ampliação do actual quadro técnico responsável pela actividade deste sector.

Por outro lado, se atendermos à estrutura etária dos

quadros existentes, patente no Quadro 1, facilmente se verifica que existe uma preocupante situação de envelhecimento a qual poderá, nesse ou outro prazo, vir a ter efeitos bastante negativos, já que no conjunto dos 3 organismos 30% dos técnicos têm idade superior a 50 anos. Esta situação é particularmente grave no principal organismo responsável pelo sector -D.G.F- na qual 59% dos técnicos têm idade superior a 55 anos.

Mas passando além das primeiras impressões superficiais, a D.G.F(ex-D.G.O.G.F e ex-D.G.F.F) na sua lei orgânica, para todos os efeitos ainda em vigor, prevê 166 lugares de quadro para Eng.Silv., sendo que hoje estão preenchidos 65% destes lugares.

Assim, existem à partida, mais de 60 vagas de quadro.

Dentro de 5 anos serão, na melhor das hipóteses, 90 e, em 1990, haverá, a não ocorrer renovação de quadro, uma carência de 120 Eng. Silv.

Como candidatos a esses lugares há hoje 12 técnicos contratados além do quadro e 15 técnicos recém-formados sem situação definida (tarefeiros). Estes 27 técnicos correspondem aos últimos cinco cursos saídos do I.S.A, dos quais os dois últimos se encontram presente-mente na situação de desemprego ou sub-emprego.

Quanto ao I.P.F, ao qual cabem grandes responsabilidades no sector das indústrias transformadoras e do comércio interno e externo, política de preços, etc, verifica-se uma grande exiguidade de quadros que, embora não apresentem uma tendência de envelhecimento tão grave é igualmente anómala, realçando o facto de nos últimos anos não se ter verificado qualquer renovação do seu quadro técnico.

Quanto ao I.N.I.A, ao qual compete grande responsabilidade na experimentação e investigação florestal, se atendermos ao muito que há por fazer neste domínio, o quantitativo de técnicos existentes não se afigura demasiado.

Em conclusão, verifica-se em todo o sector, para além de uma extraordinária carência de quadros de formação superior para as tarefas a realizar, uma estrutura etária preocupantemente distorcida que será, sem dúvida, a curto prazo agravada, já que, nos últimos 3 anos, aos técnicos recém-formados não têm sido dadas quaisquer garantias de estabilidade de emprego, e em alguns casos (D.G.F e I.N.I.A), após o estágio, as únicas saídas profissionais têm sido o ensino ou o desemprego.

2.2.3- ENGENHEIROS TÉCNICOS AGRÁRIOS

O ponto da situação relativa a esta classe profissional reporta-se, por falta de elementos de outros organismos, á que se encontra integrada na ex-D.G.O.G.F, ou seja, afinal, a zona de cometimento da responsabilidade de gestão e ordenamento das matas(entre outras).

Assim, dos números alinhados na segunda coluna do Quadro 2 constata-se que, do ponto de vista do envelhecimento, a situação não assume a gravidade verificada para os Eng. Silv. A sua distribuição etária em intervalos de 5 anos atinge um máximo na zona dos 45-50 anos, distribuindo-se com regularidade acima e abaixo deste intervalo (aqui um pouco mais intensa).

É já no entanto relevante referir que a lei orgânica prevê 160 lugares dos quais apenas 90 se encontram preenchidos ao nível da ex-D.G.O.G.F.

2.2.4- AGENTES TÉCNICOS AGRÍCOLAS

Trata-se de uma classe muito pouco representada no sub-sector florestal por razões que desconhecemos e que interessariam analisar em pormenor.

Refira-se apenas que a lei orgânica reconhece a sua inserção nos quadros de pessoal técnico, consagrando apenas 18 lugares, dos quais 9 se encontram preenchidos, ao nível da ex-D.G.O.G.F., por profissionais jovens (até aos 35 anos de idade).

2.2.5- MESTRES E GUARDAS FLORESTAIS

Designados por "pessoal auxiliar" e concentrando-se na ex-D.G.O.G.F., constituem quadros de funcionamento exclusivo na linha da frente e, como tal, grupo fundamental da actividade florestal.

Esta, tem-se revelado para estes homens de particular dureza e risco, agravada por condições salariais e de existência pessoal e familiar que, só após Abril de 74, começaram a ser minimizadas no sentido de uma dignificação humana e profissional ainda não totalmente atingida.

Na prática, continua a existência destes quadros e a sua actividade na dependência de regulamentação legal inaceitável por obsoleta.

Para se falar de envelhecimento ao nível deste grupo profissional tem de se ultrapassar a frustração em não se poder quantificar a precocidade que se lhe associa e se sente ao nível do contacto pessoal generalizado e cingir-mo-nos apenas à frieza numérica resultante da análise da sua distribuição etária, apesar desta nos conduzir a valores altamente expressivos.

Assim, e de acordo com os números alinhados na coluna 4 do Quadro 2 verifica-se:

- com mais de 45 anos 77%

- com idade superior a 50 anos 57%

Acresce ainda o facto da lei orgânica lhes consagrar 1300 lugares, dos quais apenas 572 se encontram preenchidos.

Considerando que, com idade superior a 55 anos existem 217

Mestres e Guardas Florestais, e na condição de não se verificar com urgência a renovação destes quadros (cujo recrutamento, preparação e adaptação constituem processo que, de forma alguma, se pode considerar rápido) chegar-se-á à situação inaceitável e a curto prazo, de cerca de 1500 vagas, enquanto que toda a actividade que lhes estará cometida passará a ser suportada por apenas cerca de 355 indivíduos, dos quais cerca de 62% terá então idade superior a 50 anos, ou seja, já com inevitáveis restrições no tipo de missões que, profissionalmente, lhes são correntemente atribuíveis.

Localiza-se aqui, sem dúvida, e em termos de disponibilidade de quadros, o estrangulamento mais grave a todo e qualquer processo correcto de desenvolvimento da actividade florestal.

Ainda que mais adiante venha a ser cementado em pormenor é oportuno referir que a preparação técnica destes quadros se vem a processar desde 1968 no âmbito de serviço designado por Formação Profissional Florestal (Extra-Escolar). Esta preparação tem-se desenvolvido perseguindo três objectivos fundamentais: aperfeiçoamento, concursos/promoção e admissão.

Os primeiros, visando acções de reciclagem e/ou transmissão de novos conhecimentos, destinam-se a pessoal já em serviço efectivo. Foram, até à data, realizados 5 cursos, envolvendo 126 Mestres e Guardas, 4 dos quais de 1968-1971 e, o último, em 1976.

Os segundos, têm por objectivo qualificar e seleccionar quadros em condições de promoção dentro da carreira. Realizaram-se 6 cursos, visando 179 indivíduos, dos quais 5 no período compreendido entre 1970-1973 e um último (de promoção a Mestres Florestais) em 1977.

Os terceiros, que são afinal os que mais interessa referir nesta rubrica, têm por fim fornecer a preparação curricular de base a potenciais Guardas Florestais admitidos em concurso prévio. Note-se que, de 1968-1983 apenas se realizaram 5 cursos de 1969-1974, para a formação profissional de 206 funcionários. Surge singularmente um curso em 1979 (que abrangia 37 novos futuros Guardas) sem qualquer tipo de efeito por anulação posterior do concurso que, oficialmente, lhe tinha dado origem.

2.2.6- CONSIDERAÇÕES DE OPORTUNIDADE

Mais não se pretendeu, com o que atrás se expôs, do que esboçar a traços largos, sem prejuízo da necessária clareza e objectividade, um diagnóstico da situação actual relativa aos quadros florestais.

Que constitua matéria de reflexão e discussão e, em última análise, um sério aviso de que ela não poderá de forma alguma ser ignorada ou relegada para segundo plano por mais voltas que se dê ao binómio pensamento-acção florestal, é o nosso objectivo.

Uma carência generalizada de quadros florestais a todos

os níveis, agravada pela crítica situação de envelhecimento dos existentes, nomeadamente ao nível de Engenheiros Silvicultores e Mestres e Guardas Florestais, é demasiado evidente para poder ser esconotada.

Pensamos então que este facto ressalta, numa situação de natureza mais restrita, de existência de inúmeras vagas consagradas em lei orgânica para as várias classes profissionais, e que esta, numa perspectiva mais ampla, constitui nota bem dissonante num quadro generalizado de desemprego ou sub-emprego, enquanto se agitam vontades publicamente expressas de conservação, renovação e implementação florestais a curto, médio e longo prazo, é assistirmos a um tentar pôr de pé uma estrutura aberrante que a mais elementar compreensão não atinge.

Pensamos agora na forma como se interconjugam as várias classes profissionais florestais em termos de hierarquia de funções e responsabilidades, valendo-nos, para o efeito, do número de vagas de quadro expressas na própria lei orgânica:

Eng.Silv.:166 ; E.T.A's:160 ; A.T.A's:18 ; Mest. e Guard.:1300
ou seja:

1 Eng.Silv.-- 0.96 E.T.A-- 0.10 A.T.A-- 7.83 Mest. e Guard.
Sem comentários.

Reparemos ainda que, de acordo com os números alinhados no Quadro 3, na ex-D.G.O.G.F existem, a nível de Sede, 66% dos Eng.Silv., 20% dos E.T.A's e 33% dos A.T.A's, valores denunciadores de uma macrocefalia evidente.

Abstermo-nos de comentar, em concepções mais fundas e dinâmicas, as formas e direcções em que se movem estes personagens no pano de fundo que é a nossa panorâmica florestal actual, os desencantos, as frustrações e desânimos que se sentem perspassar, cada vez mais insistentemente, sem discriminação de grupo profissional ou nível etário. Abstermo-nos de comentar mas é bom não ignorar que elas existem, e mais uma vez repetimos: a floresta não acontece sózinha.

2.2.7- FORMAÇÃO PROFISSIONAL FLORESTAL (EXTRA-ESCOLAR)

Já referida anteriormente a propósito dos Mestres e Guardas Florestais, é de considerar no entanto como merecedora de maior detalhe porquanto á sua criação, estruturação e funcionamento, se associa indubitavelmente uma vontade muito positiva de garantir aos elementos humanos de intervenção florestal de todos os níveis, uma preparação profissional mais ampla, mais actualizada, mais ajustada ás tarefas que decorrem de zonas sen-
níveis da actividade florestal.

Dar uma ideia de avaliação dessa vontade é, assim, contribuir para o diagnóstico de uma componente pertinentemente integrável, a um nível mais amplo, na panorâmica anteriormente esboçada para os quadros flo-

mentais.

Por uma questão de sistematização vamos considerar três grandes grupos de acções de formação profissional, em função da sua natureza e/ou tipo de quadros que visam.

Assim:

Grupo I - constituído pelas acções ligadas ao aperfeiçoamento, concursos/promoção e admissão, de Mestres e Guardas Florestais do quadro da D.G.F e ainda de Guardas Florestais Auxiliares:

- Estágio de aperfeiçoamento de Mestres e Guardas Florestais.
- Idem de concurso a Mestre Florestal de 2ª classe.
- Idem de promoção a Guarda Florestal de 1ª classe.
- Idem de 2ª classe.
- Idem de admissão a Guarda Florestal de 3ª classe.
- Idem de aperfeiçoamento de Guardas Florestais Auxiliares.
- Idem de Auxiliares Florestais.

Grupo II - constituído pelas acções de formação profissional de operários florestais diferenciados em tarefas de reconhecida importância na linha da frente florestal. Tratam-se de cursos itinerantes, estruturados segundo programas pedagógicamente orientados de reconhecida eficácia:

- Curso de Resineiros.
- Idem de Podador de Sobreiros.
- Idem de Descortiçadores.

Grupo III - constituído por acções de especialização, reciclagem, divulgação, etc, incidindo sobre matérias julgadas oportunas, visando indivíduos de qualquer grupo profissional:

- Curso de formação pedagógica de monitores.
- Idem de reciclagem de monitores.
- Idem de Apicultura.
- Idem de reciclagem de técnicos.

Elaborou-se o Quadro 4, onde, para cada grupo de acções se consideraram os valores correspondentes a nº de acções-nº de indivíduos visados, por triénios sucessivos, tratados por médias móveis.

Os valores máximos são detectados no triénio 1974-76.

As tendências que claramente se definem, correspondem a taxas de crescimento de 38.9% e 28.8% para o nº de acções e indivíduos visados, respectivamente, até aquele triénio. A partir daí, fica patente um decréscimo dos parâmetros considerados, com quebras que se processaram às taxas de 15.0 e 14.9%, respectivamente.

Alteração de posição da Formação Profissional Flo-

restal (Extra-Escolar) no quadro das prioridades? Vontade para esquecer?

Fica a interrogação. Mas se é certo que esta análise constitui por si só motivo de reflexão séria, no quadro global do sub-sector florestal que temos vindo a esboçar, constitui-se como mais uma preocupação legítima.

Lisboa, 30 de Junho de 1983

Texto colectivo

ANEXO

Quadro 1

Engenheiros Silvicultores: distribuição etária por organismos

GRUPOS ETÁRIOS	D.G.F	I.P.F	I.N.I.Aa)
<35	17	2	16
36-40	12	3	
41-45	5	1	3
46-50	1	0	
51-55	10	0	10
56-60	34	0	
>60	29	4	15
TOTAIS	108	10	44

a) Foram considerados intervalos de 10 anos

Quadro 2

Quadros Florestais : ex-D.G.O.G.F

GRUPOS ETÁRIOS	1-ENG.SILV		2-E.T.A's		3-A.T.A's		4-MEST.GUAR.	
	nº	%	nº	%	nº	%	nº	%
<35	10	11	14	16	9	100	17	3
36-40	8	9	16	18	-	-	54	9
41-45	5	5	15	17	-	-	63	11
46-50	1	1	23	26	-	-	113	20
51-55	9	10	12	13	-	-	108	19
56-60	32	34	7	8	-	-	110	19
>60	28	30	3	3	-	-	107	19
TOTAL	93	100	90	100	9	100	572	100

Quadro 3

QUADROS FLORESTAIS : ex-D.G.O.G.F. - distribuição por serviços

SERVIÇOS	ENG. SILV.		E.T.A's		A.T.A's		MEST. GUARD.	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
SEDE	61	66	18	20	3	33	4	1
C.F. Porto	10	11	6	7	-	-	104	18
C.F. V. Real	5	5	14	15	-	-	118	21
C.F. Viseu	7	8	12	13	3	33	112	20
C.F. Coimbra	6	6	15	16	-	-	104	18
C.F. Ma Grande	3	3	7	8	1	11	67	12
C.F. Évora	1	1	18	20	2	22	51	9
Div. Parq. Res.	-	-	1	1	-	-	12	2
TOTAL	93	100	91	100	9	100	572	100

Quadro 4

FORMAÇÃO PROFISSIONAL FLORESTAL (Extra-Escolar)

(nº de cursos e de participantes-médias móveis por triénios)

GRUPOS TRIÊNIOS	I		II		III		TOTAL	
	nºcur.	nºpart.	nºcur.	nºpart.	nºcur.	nºp	nºcur.	nºpart.
68/70	3.33	87.33	1.67	12.00	-	-	5.00	99.33
69/71	3.33	85.67	11.33	101.67	-	-	14.66	187.34
70/72	3.00	90.67	25.00	245.00	-	-	28.00	335.67
71/73	2.00	59.33	37.00	372.33	-	-	39.00	431.66
72/74	1.33	53.00	42.33	453.67	-	-	43.66	506.67
73/75	0.67	19.67	43.67	482.00	1.67	26.33	46.01	528.00
74/76	0.33	12.00	46.67	524.33	3.00	49.33	50.00	535.66
75/77	0.33	8.00	40.00	436.00	3.00	49.33	43.33	493.33
76/78	0.33	8.00	29.33	311.33	2.00	33.00	31.66	352.33
77/79	0.67	20.33	28.33	293.33	1.33	16.67	30.33	330.33
78/80	0.33	12.33	29.00	308.33	1.67	25.00	31.00	345.66
79/81	0.33	12.33	28.00	293.67	1.67	32.00	30.00	343.00
80/82	0.00	0.00	14.67	153.67	1.33	36.00	16.00	189.67